

Defesa e ilustração da língua francesa: comentários

Abstract: One of the majors works of 16th century, the *Défense et illustration de la langue française* (1549) from Joachim du Bellay, is the subject of several comments by important grammarians, linguists, discourse analysts, historians, literary critics and translators. This article will emphasize this work reception and analyse those representations of language, literature and translation.

Keywords: language, literature and translation representations, 16th century, Joachim du Bellay.

Resumo: Uma das obras fundamentais do século XVI, a *Defesa e Ilustração da Língua Francesa* (1549) de Joachim du Bellay tem uma grande repercussão até os dias atuais e é objeto de inúmeros comentários. Este artigo colocará em evidência a recepção desta obra a partir do olhar de gramáticos, linguistas, analistas do discurso, historiadores, críticos literários e tradutores de grande relevância no campo das Letras francesas, enfatizando as representações de língua, literatura e tradução nela presentes.

Palavras-chave: representações de língua, literatura e tradução, Século XVI, Joachim du Bellay.

Lugar privilegiado de questionamento das relações tecidas pelo entrecruzamento de práticas ideológicas políticas, econômicas e culturais, a tradução constitui a um só tempo trabalho e discurso sobre a língua. Uma das marcas notáveis da Renascença francesa é o discurso sobre a versão em vernáculo, onipresente em introduções e prefácios a obras traduzidas, que busca teorizar o lugar dessa prática na construção e no enriquecimento da língua francesa e a posição do sujeito-tradutor nesse campo emergente aberto pelas novas perspectivas oriundas do advento da imprensa.

As inúmeras teorias da tradução, longe de serem neutras, apontam para a diversidade de olhares que tangem à concepção de língua francesa em seus embates e alianças com o latim e o grego. Elas interrogam igualmente o lugar do homem de Letras que escreve em língua vernácula¹. Trata-se, aqui, de tomar posição em relação ao conjunto de representações veiculadas pelas teorias em voga no século.

Como salienta Luce Guillermin (1988, p. 346):

[...] os elementos constitutivos desse discurso parecem primeira e essencialmente repetitivos. Combinação de estereótipos: esse discurso é uma tópica. Por um lado, os materiais discursivos incansavelmente retomados encontram-se, com efeito, – quase – sempre ali presentes e, por vezes, há tanto tempo que parece totalmente irrisório tentar assinalar-lhes uma origem: retomadas de formulações medievais, imagens bíblicas, citações de citações de textos antigos... E, por outro lado, esses textos se repetem e se citam uns aos outros até o infinito, obedecendo a dispositivos retóricos já instituídos e codificados (dedicatória, panegírico, recorte obrigatório de um capítulo de arte poética) que acentuam ainda mais seu caráter estereotipado: esse discurso não escapa do regime de empréstimos citacionais abertos que caracteriza a época².

Uma das imagens de língua mais recorrentes entre os tradutores do século XVI é, por um lado, a convicção quanto à incapacidade de especulação e de abstração da língua vulgar que acarreta uma incontestada necessidade de enriquecimento, através de um trabalho sobre o léxico que deve ser acrescido pela criação de neologismos, pelo afrancesamento de termos estrangeiros e pela reativação do fundo francês de termos regionais e dialetais; há, por outro, uma difundida crença de que a língua francesa não é mais tão “magra” e tão “esfomeada”.

Nessa linha de raciocínio, para muitos, a tradução é um veículo ideal de criação e de introdução de novos vocábulos. O fato mesmo que se pudesse traduzir em vernáculo já atestava que a língua nacional podia ter o mesmo prestígio das línguas das quais se traduzia. A importância dos discípulos de Cícero como Claude de Seyssel, Pierre Saliat, Thomas Sébillot, Jacques Peletier, Étienne Dolet, é digna de registro. Como salienta Michel Magnien (2006, pp. 57-58),

Eles não quiseram fundir a língua vernácula no latim para fazer dela o vetor universal das palavras e pensamentos da Europa humanista; ao contrário, eles procuraram elevar o vernáculo ao nível das mais altas proezas da Antiguidade greco-latina, dando-lhe as regras estabelecidas por suas criações neolatinas: imitação e, sobretudo, trabalho escrupuloso e incessante de expressão. Aqui, a tradução ganha toda a sua importância, como instrumento de mediação entre as obras de arte de ontem e as obras por vir. Se a *inventio*, mas também a *elocutio* antigas, podem se reencarnar nas línguas modernas *via* tradução, a rivalidade com os modelos antigos, essa vontade de ultrapassá-los que anima todos os ciceronianos, poderá ser realizada numa língua diferente do latim.

Ciceroniano convicto, Étienne Dolet, humanista e editor francês, escreve um dos primeiros textos que tratam da prática discursiva da tradução: *La manière de bien traduire d'une langue en autre* (1540). Esta

obra tem grande representatividade histórica e constitui uma das primeiras tentativas de se pensar a prática da tradução literária.

Ela estabelece cinco regras do bem traduzir: o tradutor deve entender perfeitamente o sentido e a matéria do autor a traduzir; ele deve ter um perfeito conhecimento das duas línguas; não deve praticar a tradução palavra a palavra; não deve se deixar seduzir pela variedade e riqueza da língua do original e, sim, seguir a “linguagem comum”; e, finalmente, ele deve observar o equilíbrio e a harmonia do conjunto.

É importante ressaltar que *La manière de bien traduire d’une langue en autre* se integra na obra *Orateur François* que trata da aprendizagem das artes necessárias ao orador: gramática e retórica. Na Europa dos séculos XVI e XVII, a *retórica* constituía uma estrutura de inteligibilidade que dava ao humanista os instrumentos de simbolização e de reconhecimento de si, de sua linguagem e do mundo³. Para Dolet, a tradução é uma prática eminentemente retórica, o que significa que o tradutor é um orador que trabalha sobre os fundamentos da eloquência.

Contrariamente a Etienne Dolet, defensor da atividade tradutória, Joachim du Bellay, porta-voz da Plêiade, em sua obra *Defesa e Ilustração da Língua Francesa* (1549)⁴, condenará tal prática e sustentará que a “imitação” dos gregos e latinos seria muito mais apropriada para favorecer o enriquecimento do francês. Du Bellay sustenta a utilidade da tradução nas disciplinas e saberes, porém vai condená-la no âmbito do literário, pois considerava que a eloquência e o estilo não são passíveis de tradução.

Como representante dos poetas da Plêiade, Du Bellay propõe uma orientação diversa no que diz respeito à tradução das obras antigas. Considera que é indispensável basear-se na imitação, abandonando a cópia, considerada servil, e pregando uma transposição mais livre das obras traduzidas.

Os argumentos presentes em sua obra eram fundamentalmente os seguintes:

1. todas as línguas são aptas a falar de tudo;
2. todas as ciências podem ser expressas em francês;
3. todas as línguas têm o mesmo valor; a única diferença entre elas é a cultura que as fundamenta;
4. há uma injunção à mutabilidade de todas as coisas;
5. a imitação é a base que vai permitir a sucessão das línguas;

6. o estudo das línguas antigas é fundamental, mas a língua materna não deve ser menosprezada;
7. deve-se seguir o exemplo dos romanos que defenderam a República ao ilustrar sua língua; trata-se de uma obrigação para com a pátria;
8. a qualidade positiva do francês é sua natural doçura.

Ao longo de toda a obra, Du Bellay caracteriza a língua francesa e seus usuários com metáforas vegetais e agrícolas. A língua é metaforizada pelo *campo* que deve ser *fertilizado e semeado* por seus usuários de maior relevo, os poetas, verdadeiros *cultivadores* que transformam a terra árida em terra fértil:

Et qui voudra de bien près y regarder, trouvera que notre langue française n'est si pauvre qu'elle ne puisse rendre fidèlement ce qu'elle emprunte des autres ; si *infertile* qu'elle ne puisse produire de soi quelque *fruit* de bonne invention, au moyen de *l'industrie et diligence des cultivateurs* d'icelle [...] (Livre I; Cap IV : Que la langue française n'est si pauvre que beaucoup l'estiment)⁵.

Donc si la philosophie *semée* par Aristote et Platon au *fertile champ* attique était *replantée* en notre *plaine* française, ce ne serait la jeter entre les *ronces* et *épines*, où elle devînt *stérile* : mais ce serait la faire de lointaine, prochaine, et d'étrangère, citadine de notre république (Livre I; Cap X : Que la langue française n'est incapable de la philosophie, et pourquoi les anciens étaient plus savants que les hommes de notre âge)⁶.

Que si les anciens Romains eussent été aussi négligents à la culture de leur langue, quand premièrement elle commença à pulluler, pour certain en si peu de temps elle ne fût devenue si grande. Mais eux, en guise de *bons agriculteurs*, l'ont premièrement transmuée d'un lieu sauvage en un domestique ; puis afin que plus tôt et mieux elle pût *fructifier*, coupant à l'entour les *inutiles rameaux*, l'ont pour échange d'iceux restaurée de *rameaux francs* et domestiques, magistralement tirés de la langue grecque, lesquels soudainement se sont si bien *entés* et faits semblables à leur *tronc*, que désormais n'apparaissent plus adoptifs, mais naturels. De là sont nés en la langue latine ces *fleurs* et ces *fruits* colorés de cette grande éloquence [...] (Livre I; Cap III : Pourquoi la langue française n'est si riche que la grecue et latine)⁷.

As línguas pautadas pelas leis naturais, como toda planta, seguem seu curso vital:

[...] tout *arbre* qui naît, *fleurit et fructifie* bientôt, bientôt aussi envieillisse et meure [...] (Livre I; Cap IX : Réponse à quelques objections)⁸.

Obra polêmica, desde sua primeira recepção ainda no século XVI, a *Defesa e Ilustração da Língua Francesa*, embora considerada por muitos uma obra aquém de suas enormes pretensões, é objeto até os dias atuais de comentários de gramáticos, linguistas, analistas do discurso, historiadores, críticos literários, tradutores que salientam as representações de língua, de literatura e de tradução nela presentes. O presente artigo, sem buscar exaustividade, expõe algumas das leituras relevantes por ela suscitadas.

Em uma obra conhecida da época, o *Quintil Horatien* de Barthélémy Aneau, a *Defesa e Ilustração da Língua Francesa* sofre severas críticas. Aneau sustenta que Du Bellay “procura o asno sobre o qual está montado”, produzindo monstros para poder mais facilmente desfazê-los:

Tu ne faitz autre chose par tout l'oeuvre : mesme au second liure que nous induire à Greciser, et Latiniser, en François vituperant tousiours nostre forme de poësie comme vile, et populaire, attribuant à iceux toutes les vertus, et louanges de bien dire et bien escrire, et par comparaison d'iceux monstres la paureté de nostre langue, sans y remedier nullement et sans l'enrichir d'un seul mot, d'une seule vertu, ne bref de rien, sinon que de promesse et d'espoir, disant qu'elle pourra estre, qu'elle viendra, qu'elle sera : etc. Mais quoy ? quand et comment ? Est-ce la defense, et illustration, ou plutôt offence et denigraion?⁹

O mais grave, para Barthélémy Aneau, são as usurpações e apropriações que caracterizam a *Defesa*, texto inteiramente produzido, segundo ele, de fragmentos traduzidos. Du Bellay esconde seus empréstimos, o que chama de “imitação” é uma tradução disfarçada, donde a profunda incoerência de atacar a tradução.

Barthélémy Aneau não é o único a ressaltar os pontos fracos da *Defesa e Ilustração da língua francesa*. Em sua obra *Histoire de la langue française*¹⁰, Ferdinand Brunot também a critica profundamente. Segundo este gramático, trata-se de uma obra sem grande interesse, de uma arte poética disfarçada, de uma obra que não tem nada de profética nem de revolucionária, ao contrário, é uma compilação das idéias que já circulavam.

Entretanto, ao se outorgar indevidamente o lugar de pioneiro, o porta-voz da Plêiade se vê na obrigação de colocar as qualidades da língua francesa no futuro, quando se podiam demonstrar as virtudes que ela já tinha:

Ainsi puis-je dire de notre langue, qui commence encore à fleurir sans fructifier, ou plutôt, comme une plante et vergette, n'a point encore fleuri, tant s'en faut qu'elle ait apporté tout le fruit qu'elle pourrait bien produire. Cela certainement non pour le défaut de la nature d'elle, aussi apte à engendrer que les autres, mais pour la coulpe de ceux qui l'ont eue en garde, et ne l'ont cultivée à

suffisance, mais comme une *plante sauvage*, en celui même *désert* où elle avait commencé à *naître*, sans jamais *l'arroser*, la *tailler*, ni défendre des *ronces* et *épines* qui lui faisaient ombre, l'ont laissée vieillir et quasi mourir. (Livre I; Cap III : Pourquoi la langue française n'est si riche que la grecque et latine)¹¹.

Brunot salienta que vários dos argumentos encontrados na obra de Du Bellay já figuravam em *L'art poétique d'Horace* (1545) de Peletier du Mans, tais como:

1. o século XVI deve muito à Antiguidade;
2. o não reconhecimento do francês se deve à dedicação ainda excessiva ao grego e ao latim e ao tempo consumido nessa tarefa;
3. alguns eruditos têm um verdadeiro prazer de esquecer a língua materna;
4. a língua francesa deve ao latim e ao grego, e particularmente a este, o conhecimento das disciplinas memoráveis do passado;
5. falar e escrever o francês supõe o conhecimento dessas duas línguas, sobretudo da latina, não apenas em termos lexicais e sintáticos, mas também o manejo das artes da *inventio* e da *dispositio* aprendidas pelo uso e leitura dessas línguas;
6. o aprendizado das línguas antigas é necessário para ilustrar e enriquecer a língua materna, tal como o fizeram os romanos em relação à língua grega.

Brunot sustenta ainda que as relações entre Peletier e Ronsard, poeta célebre da Pléiade, eram conhecidas. Portanto, o manifesto do primeiro não é totalmente independente do movimento da Pléiade.

Segundo Brunot, a *Defesa* de Du Bellay se faz após várias outras, especialmente no que concerne à poesia. Não é uma obra absolutamente necessária: falta-lhe alcance. Ele afirma que, no século XVI, a língua francesa já havia, há muito, conquistado a eloquência e todos os gêneros poéticos (epopeias, sátiras, farsas, contos, canções). Não havia propriamente nenhuma revolução a ser feita. O único obstáculo que permanecia era a crença de que as obras poéticas e oratórias escritas em latim lhe eram superiores. Havia ainda o preconceito de que a poesia em língua francesa era um passatempo, apesar das obras poéticas de Marot, Scève e Jean de Meun.

Para o gramático e historiador da língua, Du Bellay e Ronsard se arvoraram audaciosamente como profetas de uma arte da qual teriam

sido “renovadores” e “criadores”. Entretanto, essa ousadia representava, de fato, uma meia emancipação, pois se trocava a “escravidão da tradução pela servidão da imitação”:

Embora, no fundo, eles ousassem apenas uma meia-emancipação, substituindo a escravidão da tradução pela servidão da imitação, eles apresentaram tão bem seus empréstimos como conquistas, esconderam a simplicidade de seu desígnio com frases tão entusiastas e tão sonoras, que os contemporâneos se enganaram, que a própria posteridade se deixou ludibriar e que, hoje, ainda, seu apelo encontra indulgência e mesmo o favor de juízes, entretanto, bem informados (Brunot, 1947, p. 84)

Du Bellay não tinha conhecimentos linguísticos sólidos para sustentar uma argumentação pertinente, contudo, segundo Brunot, ele também teve algum mérito:

Faltava precisão a suas apologias, mas seus versos provocaram em toda a França um elã de entusiasmo. [...] Para fazer com que uma idéia triunfe, na poesia como na arte, mais vale um exemplo do que uma teoria (p. 91)

Para Hélène Naïs, em seu artigo “La réduction du vocabulaire à partir de 1580” que figura no Tomo II da *Histoire de la langue française* de Ferdinand Brunot, há na *Defesa* uma profunda dicotomia entre teoria e prática: a ousadia da teoria não foi aplicada na prática, o que se observa é uma utilização modesta de palavras gregas e dialetais e de um procedimento de formação de novas palavras fundado na derivação a partir de modelo morfológico normal.

No que tange à defesa da língua, a obra de Du Bellay, *La Deffence et illustration de la langue françoysse*, longe de constituir uma novidade, a não ser pelo tom provocador, opera uma síntese dos argumentos disseminados nos diversos textos e obras da época¹².

Como enfatiza Michel Magnien (2006, p. 59-62), os argumentos mais relevantes desta obra são de quatro ordens: prática, linguística, histórica e política. São eles, respectivamente,

1. a comodidade de utilização da língua vernácula em detrimento do penoso aprendizado do latim e do grego;
2. o francês, contrariamente a algumas opiniões, pode ser sistematizado, com o estabelecimento de regras;
3. é preciso aceitar como inevitável o fato de que algumas línguas morrem e outras emergem;

4. há uma injunção à utilização da língua materna em tempos de nascimento dos nacionalismos.

Um dos grandes méritos de Du Bellay é o da inserção fundamental da criação literária num contexto sociopolítico e histórico, cujo eixo é nacional, e não mais vinculado tão simplesmente à tradição greco-latina.

Inês Oseki-Dépré (1999) insiste na grande influência neoplatônica exercida junto aos poetas e à Plêiade, a partir da tradução para o francês da obra *Fedra*. A inspiração fundamental é a de que a poesia consiste numa tradução da palavra divina. Explica-se, portanto, que para Du Bellay a *criação* seja o reduto do poeta, que tem uma função oracular, sendo o único capaz de construir uma língua francesa forte.

A imitação é o procedimento que poderá assegurar esse ideal. Du Bellay propõe um laço forte com a tradição, mas considera que se deva transcendê-la.

A principal tarefa dos poetas da Plêiade é, portanto, garantir autonomia e especificidade aos textos dos modelos antigos ou italianos. Não basta traduzi-los: trata-se de reanimá-los inserindo-os em uma poesia viva. Na realidade, prefere-se frequentemente a montagem, a citação proveniente de diversas fontes, a criação do intertexto do que a tradução (Oseki-Dépré, 1999, p. 27).

Os textos antigos devem ser devorados, digeridos e incorporados para que uma nova língua possa surgir. O nascimento da língua francesa está, pois, estreitamente relacionado ao advento do literário.

Como enfatiza Dominique Maingueneau (1993, p. 103):

A literatura desempenha um papel capital nessa delimitação “sociológica” das línguas. O Um imaginário da língua se sustenta da existência de um corpus de obras que contribui para lhe dar coesão. Os escritores, longe de serem posteriores, *participam de sua definição*. Quando Ronsard e seus amigos da Plêiade querem “ilustrar a língua francesa”, aumentar seu valor e sua celebridade, eles traçam um círculo: aumentam por sua escrita o valor de uma língua que, assim valorizada, deve aumentar o valor de sua escrita.

A literatura dá prestígio à língua: cada ato de enunciação literária vem reforçar a ideia de uma língua digna de literatura, portanto, de língua. Assim, será difícil pensar a identidade da língua francesa sem a contribuição de sua literatura, constituída de um conjunto de textos e obras, valorizados esteticamente e fundadores da identidade nacional.

Segundo Dominique Maingueneau (1993, p. 108):

o que há de exemplar em um tal procedimento, é a relação que ele estabelece entre a criação literária e a elaboração de um código linguageiro que retira

sua legitimidade do ato de se desenrolar numa fronteira entre o francês e as línguas antigas. Os humanistas da Plêiade têm, contudo, uma atitude ambivalente, desejando simultaneamente reforçar seus laços com o latim e o grego e suplantá-los. Essa ambivalência irreduzível alimenta uma enunciação que se negocia entre as duas exigências obrigatórias de dependência e de autonomia, de respeito e de violência usurpadora.

Em sua obra *Sujet de l'écriture et traduction autour de 1540*, Luce Guillerm (1988) analisa as tópicos do campo da tradução. O *topoi* dominante é o de que a tradução é determinante na extensão e difusão dos saberes àqueles que não conhecem as línguas antigas. A posição dos tradutores, em geral, afirma o trabalho sobre a língua; o reconhecimento da grandeza das línguas antigas; a confiança na língua materna; a ambivalência em relação à autoridade dos antigos; e a dimensão política da tradução que glorifica o poder real e concorre para a vulgarização e promoção da língua francesa.

A *Defesa* opera um deslocamento do *topoi* dominante. Du Bellay é a favor da tradução, indispensável no que chama de "disciplinas", pois ela atua no sentido de instruir e divulgar conhecimentos. A tradução é útil enquanto meio de aquisição de saberes e conhecimentos, porém perniciosa no que tange ao trabalho sobre a língua. Du Bellay é um detrator da tradução quando se trata de *elocutio*, e não mais da *inventio*. Tal deslocamento não existia na concepção de tradução de Nicole Oresme, tradutor do século XIV, cujas idéias emblemáticas sedimentaram o *topoi* privilegiado.

Para Du Bellay, os poetas antigos são inatingíveis pela tradução. Ele vai se posicionar particularmente contra a tradução poética com uma formulação, entretanto, de alcance generalizante. A função de reconhecimento da língua, via tradução, tão decantada no século, será aqui recusada. Embora útil, a tradução é considerada por ele útil como um ofício inferior.

Segundo Guillerm, considerando-se as obras e textos anteriores, os argumentos da *Defesa* são frágeis. Oresme, séculos antes, já antecipa quase tudo. Com uma diferença: para este, cabia aos tradutores o papel de artesãos da língua, enquanto que, para Du Bellay, esse papel cabe aos poetas, cujo caminho deve ser a imitação produtiva.

Guillerm (1988, p. 367) ressalta que a *Defesa* se inscreve no prolongamento de um longo debate sobre o ato de traduzir. Assim como Ferdinand Brunot, Luce Guillerm também considera que as opiniões de Du Bellay sobre a língua vulgar estão defasadas em relação a outros autores da época. Porém, este poeta opera uma evolução das representações da posição do escritor em relação a sua língua e a seu

estatuto para com a autoridade dos modelos e do poder. Em sua obra, vislumbra-se a emergência da figura do poeta.

A representação depreciativa da tradução e o debate sobre as distinções entre imitação e tradução torna central a questão das relações com os modelos. A recusa da tradução poética está ligada à construção da figura do poeta, à compreensão de uma especificidade para a escrita poética e às tensões e contradições entre a afirmação dos modelos e a recusa à sujeição.

Roger Zuber (1995) considera que a influência de Joachim du Bellay, o primeiro a enfatizar o caráter utilitário da tradução e a consequente depreciação do ofício, surtiu seu efeito. A partir do final do século XVI, observa-se um declínio das traduções, que se tornam menos numerosas do que na primeira metade do século. Os tradutores passam a ser figuras menos eminentes do que na primeira metade do século. Ele lembra que quando Etienne Pasquier se refere à tradução como “labor miserável, ingrato e escravo”, este só faz ressaltar mais cruamente as reticências já levantadas por Du Bellay (Zuber, 1995, p. 24).

Para Georges Mounin, a *Defesa e ilustração da língua francesa* concentra todos os argumentos que, posteriormente, serão reivindicados contra a tradução. Os argumentos de Du Bellay, que abrangem a fonética, a morfologia, a sintaxe e a estilística, servem, segundo o linguista, de referência ao campo da tradução. É contra eles ou em seu favor que os teóricos da tradução vão a partir de então dialogar. Eles formam a base interdiscursiva da construção imaginária que sustenta a impossibilidade da tradução literária.

Eis os argumentos *históricos* por ele levantados contra a tradução:

1. É fundamental defender e enriquecer a língua nacional, apta à criação e à escrita, na conjunção histórica em que ela se tornou a língua do Estado à mando do rei.
2. A ênfase deve ser dada à literatura francesa. Num primeiro momento, a tradução foi importante, pois foi uma aliada contra o latim; porém, num segundo momento, ela não se mostra adequada ao enriquecimento da língua e da literatura nacionais por ter meios muito limitados.
3. Observa-se o surgimento de novos leitores que não lêem as línguas antigas e que trazem uma demanda de leitura e de traduções em língua vernácula, o que favorece o advento de maus tradutores.

Há também em sua obra argumentos *teóricos* contra a tradução:

1. Na ênfase ao francês como língua escrita, a tradução é ineficaz como aprendizado próprio à formação para o literário, porque o estilo, a eloquência e a poesia são intraduzíveis.
2. A elocução, a dicção, o gênio da língua, a divindade da Invenção dos poetas, a energia, o espírito, o gênio são impossíveis de traduzir.

Paradoxalmente, Ronsard e Du Bellay também foram tradutores de poesia. O primeiro traduziu, sobretudo, autores gregos, como Anacreonte, Aristófanes e Safo; e o segundo traduziu Virgílio e Ovídio. O resultado estético dessas traduções reside na busca pela nobreza do tom e igualmente por um efeito arcaizante provocado por inúmeras inovações feitas a partir de empréstimos ao grego e ao latim.

Embora recuse a tradução poética, Du Bellay vai se dedicar algum tempo depois a ela, propondo a seu Virgílio naturalizado um regime de equivalências:

il me semble, veu la contrainte de la ryme, et la difference de la propriété et structure d'une langue à l'autre, que le translateur n'a pas mal fait son devoir, qui, sans corrompre le sens de son auteur, ce qu'il n'a peu rendre d'assez bonne grâce en un endroit s'efforce de le recompenser en l'autre¹³.

Encontrar ou não equivalências, como e onde restituir os efeitos encontrados no texto de partida: ei-nos diante de um tradutor às voltas com os questionamentos impostos pelo trabalho da tradução. Mais um dos paradoxos desse polemista convicto, a tradução poética também se coloca aqui a serviço da construção de uma língua nova. Estaria ela igualmente, como toda a sua obra de forte cunho neoplatônico, a serviço da revelação da verdade?

Malgrado as evidentes e inúmeras inconsistências e imprecisões das teses reivindicadas por Du Bellay, muitas delas apontadas pelos teóricos acima citados, há um consenso de que a *Defesa e ilustração da língua francesa* é uma referência obrigatória quando se trata de pensar e de discutir a questão das representações de língua, de literatura e de tradução, razão pela qual muitas defesas da língua francesa se fizeram após esta obra emblemática. De certo, o tom, a verve e o entusiasmo da defesa de uma língua em construção continuam seduzindo e contagiando até os dias de hoje.

Notas

1. Jean Delisle e Judith Woodsworth (1998, p. 51) acentuam que: “Os tradutores renascentistas eram extremamente versáteis. Escritores, além de tradutores, muitos eram também lexicógrafos, revisores, gravadores e livreiros, contribuindo assim para a proliferação do trabalho em todos os aspectos da linguagem: a poesia, a retórica, a gramática, a ortografia, a pronúncia, etc. Foram também responsáveis pelos primeiros dicionários [...]”.
2. Todas as traduções neste artigo são de minha autoria, exceção feita aos excertos dos livros que constam nas referências bibliográficas em português. Os grifos em itálico presentes nas traduções são meus.
3. Fumaroli, Marc. *L'âge de l'éloquence*. Paris: Albin Michel, 1980.
4. Na *Defesa*, Du Bellay, embora marcando uma outra posição, homenageia Dolet.
5. “E quem quiser observar com mais cuidado, verá que nossa língua francesa não é tão pobre que não possa restituir fielmente aquilo que toma de empréstimo a outras; não é tão *infértil* que não possa produzir de sua *lavra* algum *fruto* de boa invenção por meio da *indústria e diligência de seus cultivadores* [...]” (Livro I; Cap IV: Que a língua francesa não é tão pobre quanto muitos a consideram). Os fragmentos aqui citados da obra de Du Bellay foram retirados de sua versão em francês moderno do site: <www.languefrancaise.net/dossiers/dossiers.php?id_dossier=6>.
6. “Logo, se a filosofia *semeada* por Aristóteles e Platão no *fértil campo* ático fosse *replantada* em nossa *planície* francesa, não seria jogá-la entre os *espinheiros* e *espinhos*, entre os quais ela se tornaria *estéril*: mas, seria torná-la de longínqua, próxima, e de estrangeira, cidadã de nossa república” (Livro I; Cap X: Que a língua francesa não é incapaz de filosofia, e porque os antigos eram mais sábios que os homens de nossa idade).
7. “Que se os antigos romanos tivessem sido tão negligentes com a cultura de sua língua, quando de início esta começou a pulular, é certo que em tão pouco tempo ela não teria se tornado tão grande. Mas sendo eles bons agricultores, primeiramente transmutaram-na de um lugar selvagem em um doméstico; depois, afim de que mais cedo e melhor ela pudesse *frutificar*, cortando em seu entorno os *inúteis ramos*, trocaram-nos, restaurando *ramos* francos e domésticos, magistralmente tirados da língua grega, os quais foram tão bem *enxertados* e tornados tão semelhantes a seu *tronco* que doravante não pareciam mais adotivos e, sim, naturais. Daí nasceram na língua latina essas *flores* e esses *frutos* coloridos dessa grande eloquência [...]” (Livro I; Cap III: Por que a língua francesa não é tão rica quanto a grega e a latina).
8. “[...] toda *árvore* que nasce, dentro em pouco *floresce* e *frutifica*, dentro em pouco também envelhece e morre [...]” (Livro I; Cap IX: Resposta a algumas objeções).
9. “Tu não fazes outra coisa em toda a obra, mesmo no segundo livro, senão nos induzir a grecizar, a latinizar em francês, vituperando sempre nossa forma de poesia como vil e popular, atribuindo àqueles todas as virtudes e louvores do bem dizer e bem escrever e, por comparação com aqueles, mostras a pobreza de nossa língua, sem nada remediar e sem enriquecê-la com uma só palavra, uma só virtude, em suma, com nada, senão de promessa e esperança, dizendo que ela poderá ser, que ela virá, que ela será, etc. Mas o quê? Quando e como? Será a defesa e ilustração ou, antes, ofensa e difamação?”
10. Tome II – Le XVIe siècle.
11. “Assim, posso dizer de nossa língua que apenas começa a *florescer sem frutificar*, ou melhor, como uma *planta e vergasta* que ainda não floresceu, que falta muito para que ela traga todo o *fruto* que poderia *produzir*. Isso certamente não por um defeito de sua natureza, tão apta a engendrar quanto outras, mas por culpa daqueles que dela desconfiaram e não a *cultivaram* o bastante, e como uma *planta selvagem*, no mesmo deserto

- onde ela começara a nascer, sem jamais *regá-la, podá-la*, nem defendê-la dos *espinheiros* e *espinhos* que lhe faziam sombra, deixaram-na envelhecer e quase morrer” (Livro I; Cap III: Por que a língua francesa não é tão rica quanto a grega e a latina).
12. Como lembra Henri Meschonnic, em seu livro *De la langue française – Essai sur une clarté obscure* (1997), “Du Bellay, em 1549, em sua *Defesa*, apenas transpôs em francês o que Sperone Speroni escrevera em favor do italiano” (p. 362).
 13. *Deux livres de l’Eneide de Virgile, traduit en vers français ... Autres oeuvres de l’invention du traducteur*. Paris, 1560. “Au Seigneur J. De Morel”. “Parece-me, visto a imposição da rima e a diferença de propriedade e estrutura de uma língua para outra, que o tradutor não fez mal seu dever, quando sem corromper o sentido do autor, o que ele não pôde restituir com bastante graça em um lugar, se esforçou em recompensar em outro”.

Referências

- Aneau, Barthélémy. *Quintil Horatien*. Paris, 1550.
- Dolet, Etienne. *De la manière de bien traduire d’une langue en aultre*. Lyon: E. Dolet, 1540.
- Du Bellay, Joachim. *La Deffence et illustration de la langue françoise*. Paris: Arnoul L’Angelier, 1549.
- _____. *La Défense et illustration de la langue française*. Versão em francês moderno: <www.languefrancaise.net/dossiers/dossiers.php?id_dossier=62>
- _____. *Deux livres de l’Eneide de Virgile, traduit en vers français ... Autres oeuvres de l’invention du traducteur*. Paris, 1560. “Au Seigneur J. De Morel”. Brunot, Ferdinand. *Histoire de la langue française des origines à 1900*. Paris: A. Colin, 1947, Tome II: *Le seizième Siècle*. Cerquiglini, B. *La naissance du français*. Paris: PUF, 1991.
- Delisle, Jean & Woodsworth, Judith. *Os tradutores na história*. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.
- Fumaroli, Marc. *L’âge de l’éloquence*. Paris: Albin Michel, 1980.
- Guillerm, Luce. *Sujet de l’écriture et traduction autour de 1540*. Paris: Amateurs de livres-Klincksieck, 1988.
- Magnien, Michel. “De l’émergence à l’illustration (Xve – XVIe siècles)”. In: Prigent, Michel (org) *Histoire de la France littéraire*. Tome I. Naissances, Renaissances. Moyen Âge – XVIe siècle. Volume dirigé par Frank Lestringant e Michel Zink. Paris: PUF, 2006.
- Maingueneau, Dominique. *Le contexte de l’oeuvre littéraire*. Paris: Dunot, 1993.
- Meschonnic, Henri. *De la langue française*. Essai sur une clarté obscure. Paris: Hachette, 1997.
- Mounin, Georges. *Les belles infidèles*. Paris: Cahiers du Sud, s/d.
- Naïs, Hélène. La réduction du vocabulaire à partir de 1580 in Brunot, Ferdinand. *Histoire de la langue française des origines à 1900*. Paris: A. Colin, 1947, Tome II: *Le seizième Siècle*.
- Oseki-Dépré, Inês. *Théories et pratiques de la traduction littéraire*. Paris: Armand Colin, 1999.
- Zuber, Roger. *Les “Belles Infidèles” et la formation du goût classique*. Perrot d’Ablancourt et Guez de Balzac. Paris: Armand Colin, 1968.